

APRESENTAÇÃO

A atual edição da Revista Juçara procurou apresentar, através do presente dossiê, a compreensão da importância da Literatura bem como a sua conexão profícua com a história e a memória. Portanto, esse dossiê construído sob a tríade: Literatura, História e Memória compreende essas afinidades que não se excluem, muito pelo contrário, reforçam saberes e compartilham epistemologias robustas já trilhadas, há muitos anos, pela academia. Assim, a partir do exposto, esse dossiê intencionou discutir temas muito caros sobre as produções literárias moderna e contemporânea, igualmente, dando respaldo para testemunhos, biografias e recortes memorialísticos que visaram privilegiar essas abordagens. Nessa perspectiva, vislumbrando uma conexão interdisciplinar entre vários campos e tendo o protagonismo da Literatura, fomentamos discussões capazes de aproximar cânones e trazer narrativas que fossem imprescindíveis para essa temática.

Como resultado do nosso dossiê ficamos extremamente felizes com a excelente receptividade da proposta e, ao mesmo tempo, exultantes com o grande número de artigos enviados, posto que foram mais de três dezenas de artigos, verificamos a preciosa contribuição de todos os pesquisadores que trabalham sobre o tema e, sobretudo, a boa aceitação da temática pela academia. Ainda, pela nossa trajetória dedicada sobre essa linha de pesquisa, percebemos que as conexões entre Literatura, História e Memória se mantêm perenes em face da grande abrangência de autores, dissertações e teses. Logo, replicando-se muito dessas produções nesses artigos a compor o presente dossiê.

Sendo, pois, um tema que não se esgota, compreendemos que sempre rende bons frutos o diálogo epistêmico, seja focando a Literatura Nacional ou Internacional como, por exemplo, a pungência dos estudos relacionados à Literatura Africana. Ainda, do rol de artigos apresentados podemos pensar em algumas unidades que refletem, talvez, a tendência da própria seara da Literatura em consonância com a História, por exemplo, uma produção abundante sobre a Literatura analisando a nossa herança ibérica e a sua influência no padrão cultural brasileiro, sendo esmiuçado, com vigor, pelo olhar detido da Literatura. Ressaltamos também um bom quantitativo de artigos que trabalham com autores a se debruçar sobre o Brasil Colônia e Império. Igualmente, podemos examinar as distintas regionalidades brasileiras e as suas formações históricas refletidas nos artigos.

Fechando o eixo, destacamos com muito prazer a recepção atual da Literatura Africana, chegando junto e vigorosa por meio da recente produção mobilizada com a epistemologia Decolonial. Assim sendo, dentre os textos, destacamos a precisão das conexões entre Literatura e História, mormente, abordando o processo de descolonização da África, suas guerras de libertação nacionais e os autores mais proeminentes. A partir dos artigos, verificamos o quanto os países africanos, com esse viés literário, conseguiram construir e elaborar um pensamento nativo capaz de responder aos seus próprios anseios a fim de formar uma identidade nacional, no século XX e XXI.

Em síntese, o que pretendemos mobilizar com as discussões é o fato da História ser e estar viva à proporção que se descortina de acordo com o cenário, a conjuntura e os acontecimentos distintos, e, com isso, incita diálogos acadêmicos. Ao seu modo, a Literatura não fica imune a essas provocações e mudanças abruptas de transformações do mundo, por conseguinte, reflete sobre todas elas com olhar atento, porquanto, plural sobre as mudanças decorridas. Quiçá, uma das diferenças é que a História pretende se apresentar com rigor de fidedignidade, enquanto, a Literatura dá o seu aval também para as verossimilhanças e a fruição dos fatos históricos narrados com maior liberdade pelos autores.

Mediante o exposto, o texto a principiar o referido dossiê é de autoria de **Gustavo Rocha**, procurando tratar O romance “*Duas praças*” (2005), de Ricardo Lísias, ao abordar duas histórias paralelas que se entrecruzam em seus desfechos. Na sequência, destacamos o artigo de **Adriano Guedes Carneiro** que teve por objetivo analisar a cidade de Lourenço Marques, a capital colonial de Moçambique, através da perspectiva de João Paulo Borges Coelho, em seu romance “*O olho de Hertzog*” (2010), sob a aspecto de uma metaficção historiográfica, onde é colocado em xeque a visão fraturada da história oficial da antiga colônia portuguesa na África.

O autor **José Bembo Manuel** procurou articular o estudo da Literatura e experiência histórica na narrativa de ficção angolana, através do percurso histórico das personagens da obra “*Nambuangongo*” (1998), de João Bernardo de Miranda. Buscando convergir o encontro da Literatura com o espaço, **Gabriela Lages Veloso** trabalhou com a figura da cidade como cenário, tanto nas construções poéticas quanto nas ficcionais, desde o advento da modernidade até à Literatura Contemporânea propriamente dita.

Noutro prisma, **Maria Karolyne Reis Santana** teve como objetivo identificar a importância da Literatura afro-infantil na construção de identidades de sujeitos tidos como minoritários. Assim como, pretendeu identificar a importância da representatividade no contexto social. No texto de **Heloisa Helena**, a autora se propôs a compreender como o escritor uruguaio Eduardo Galeano configura o que denominamos de *escritura historiográfica*, ao articular a composição narrativa por evidenciar o ativismo feminino e atingir o sensível da memória ditatorial boliviana, tendo como mote o testemunho de Domitila Chungara (1937-2012).

Abordando as reflexões sobre a arte, **Yasmim Oliveira dos Santos** apresentou como as relações entre a vida e a arte se estreitam, à medida que desencadeiam reflexões acerca do meio em que se vive – relação dialógica entre texto e contexto – desde o contato primário com o objeto apreciado. O presente artigo teve como objetivo ressaltar o “*Poema Sujo*” (1976), de Ferreira Gullar, bem como apontar a relação entre a obra e o contexto sociocultural e artístico em que foi escrito. Almejando um diálogo profícuo **Rosa Cristina Hood Gautério** visou em “*O arroz de Palma*” (2008), de Francisco Azevedo, expor a história de uma família de imigrantes portugueses no Brasil, como parte de um grande grupo a se deslocar pelo mundo, ou seja, uma das tantas diásporas vividas pela humanidade ao longo da história.

Ainda dentro da perspectiva das artes, os autores **Wellington Girardi Rodrigues** e **Gerson Luís Trombetta** consideraram como a morte e a marginalidade são representadas nas músicas “*De frente pro crime*” (1975) e “*Tiro de misericórdia*” (1977), de Aldir Blanc e João Bosco. Enfocando os artigos acerca de autobiografia, a autora **Gisele Silva Oliveira** objetivou analisar os relatos autobiográficos de Mercedes Núñez Targa, referentes à sua detenção na Prisão Feminina de Ventas (Carcel de Ventas) durante o Regime Franquista.

Os autores **Maria Josilene de Souza Ferreira**, **Larissa Gotti Pissinatti** e **Sônia Maria Gomes Sampaio** procuraram identificar aspectos colonizadores presentes na figura histórica de Madame Godin apresentada no conto “Madame Godin” constante na obra “*Gaivotas*” (2019), de Hélio Rodrigues da Rocha. Ainda, dentro dos elementos históricos, étnicos e literários, os autores **Maeles Carla Geisler** e **Marta Helena Curio** ponderaram sobre duas obras de poetas negros catarinenses contemporâneos Iratan Curvello com “*Olhar negro*” (2018) e Edenice Fraga com “*Traços de Antonieta*” (2018).

Buscando a reflexão nas obras memorialistas, os autores **Pedro Borges Pimenta** e **Lucivânia Aparecida Rodrigues dos Santos Júnior**, procuraram trabalhar com o romance “*Antônio Dó: o bandoleiro das barrancas*” (1976), do mineiro Manoel Ambrósio Alves de Oliveira (1865 - 1947), a partir do estudo inicial realizado por Francisco de Vasconcellos (1976). Ainda, trazendo a abordagem africana, **David Pereira Júnior** explorou os elementos do "fato", e seus múltiplos significados na língua portuguesa, propondo uma leitura comparada entre os textos “*O fato completo de Lucas Matesso*”, de Luandino Vieira, e “*O embondeiro que sonhava pássaros*”, de Mia Couto.

Com o propósito de enfatizar uma aproximação da História e da Memória com a poesia, a autora **Fransueiny Fleischmann** buscou como tema central a análise literária dos poemas “*Reclame*” e “*Como é bom ser um camaleão*”, do poeta Ricardo de Carvalho Duarte – mais conhecido como Chacal –, escritos durante “os anos de chumbo” da Ditadura Militar. Incluso nas pesquisas sobre romance contemporâneo, memorialístico e filosófico **Paulo Eduardo Bogéa Costa**, **Maria do Carmo Moreira de Carvalho** e **Silvana Maria Pantoja dos Santos** refletiram sobre a constituição de um “eu” latente, a partir do revezamento entre o passado e o presente por meio da obra “*Era meu esse rosto*”, de Márcia Tiburi (2014).

Inserido na relação dialógica entre a Literatura e a História, o autor **José Francisco da Silva Filho** analisou a Espanha do século XX ao empreender um estudo sobre a produção dramática de Federico García Lorca. Nesse mesmo “caminhar”, **Nilza Mara** traçou um panorama da evolução do Mito Sebastianista, em Portugal, aplicado à análise da sua abordagem na obra “*O Conquistador*” (1990) de Almeida Faria, na qual buscou uma aproximação entre o protagonista e a entidade mítica.

Com cunho, eminentemente, de uma pesquisa de gênero e incluso no prisma histórico, os autores **Arissandra Andreia Santos** e **Josenildo Campos Brussio** trouxeram uma investigação sobre a mulher na Literatura Piauiense com o intento de ressignificar e resgatar as primeiras manifestações literárias, no cenário da literatura de expressão piauiense, dando ênfase à produção poética de Luiza Amália de Queiroz. Esquadrinhando ainda as discussões sobre a memória africana, os autores **Laylah Yaphah Coêlho Cruz** e **Carlos André Pinheiro** enfocaram a memória cultural no romance “*O vendedor de passados*” (2004), do escritor contemporâneo angolano José Eduardo Agualusa. O citado romance relata a história de Félix, um

homem que forja e vende memórias e passados nobres para indivíduos que compõem a nova burguesia angolana.

No artigo de **Leandro De Bona Dias e Mário Abel Bressan** analisou-se a obra “*Infância*” (1945), de Graciliano Ramos, tendo como escopo demonstrar o modo como a construção da memória pode ser lida por meio do conceito de equívoco de memória, que tem como premissa a ideia de equivocidade controlada do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2018; 2005). Retomando, pois, os estudos sobre a África frente ao artigo de **Juma Manuel e Cherita Lapissonne** o texto assentou-se em elaborar um estudo sobre a configuração da cultura como espaço de memória, procurando problematizar como se processa a imbricação entre a ficção e a tradição na obra “*Reclusos do Tempo*” (2017), do escritor moçambicano Alex Dau.

Na sequência, destacamos o artigo de **Enio Bernardes de Andrade** tendo como objetivo as relações entre canção e memória no livro “*Narciso em férias*”, lançado por Caetano Veloso em 2020, o qual corresponde a um dos capítulos de “*Verdade tropical*”, obra autobiográfica publicada pelo autor em 1997. Por sua vez os autores **Maria Aparecida de Almeida Rego e Derivaldo dos Santos** procuraram apresentar uma leitura do romance “*Banguê*” (1934), de José Lins do Rego, a partir da teoria do rastro, de Walter Benjamin (2006), (SEDLMAYER, GINZBURG, 2012).

Com o prisma de estabelecer o encontro da Literatura com a Guerrilha do Araguaia, os autores **Moisés Pereira da Silva, Rony de Oliveira, Maria Leal Pinto e Kallyel Henrik Silva Marques** buscaram, no cotidiano, inclusive nas vivências do sagrado, captar como as famílias, atravessadas pela violência viviam e resistiam no Araguaia-Tocantins.

Noutro soslaio, **Gelbart Silva** teve como objetivo discutir a relação entre História e romance, no contexto da Antiguidade. Para isso, escolhem-se duas narrativas em prosa: “*Ephemeris Belli Troiani*” (“Diário da Guerra de Troia”), datado do século IV, e “*De Excidio Troiae Historia*” (“História da queda de Troia”), datadas do século V. No texto de **Igor Luid de Souza Oliveira e Rubenil da Silva Oliveira**, os autores buscaram os conceitos de memória e identidade, com objetivo de compreender como o espaço descrito no romance, *Marginais* (2010), do escritor Evel Rocha, contribui na construção/formação da identidade dos sujeitos marginalizados a vivenciar o lugar contextualizado na obra.

Abordando os apontamentos sobre as identidades **Vitor Martins Vilela** apresentou o conto “*O Corteiro*” (2011), de Salman Rushdie como recinto de memória e, par em passo, discutiu a literatura desse autor indiano. Buscando um diálogo acerca de Literatura e História, no Brasil Colônia, **Francisca Katrine de Carvalho Souza** e **Wheriston Silva Neris** visaram uma análise interpretativa do livro “*Desmundo*” (1996), da escritora Ana Miranda. O fito é apontar a relevância da narrativa literária para o entendimento da experiência histórica e cultural de mulheres no Brasil colonial.

Ainda dentro do enfoque de gênero, a autora **Vanessa Anecchini Schmid** analisou a personagem Ana Clara, de Lygia Fagundes Telles, em “*As Meninas*” (1973), e Clarice, personagem de Adriana Lisboa, em “*Sinfonia em branco*” (2013), sobretudo, enfocando as experiências traumáticas semelhantes: ambas foram violentadas, sexualmente, na infância. Salientando também sobre o gênero feminino, a autora **Alicia Dandara Tavares Sousa Santos** objetivou analisar as discussões sobre como a memória e o trauma influenciam as personagens do romance “*Voltar para casa*” (2016), de Toni Morrison, em sua busca por um lar. A fundamentação teórica é desenvolvida a partir das ideias de autores como Halbwachs (2006), Sarlo (2007), Pollak (1989), Castor (2014) e suas ideias sobre a memória e o trauma.

Fechando os artigos, o autor **Gabriel Almeida Bizzo** propôs uma chave de leitura para o romance “*K.: Relato de uma busca* (2011)” de Bernardo Kucinski, a partir do prefácio completo que constava nas primeiras edições do livro. o autor **César Alessandro Sagrillo Figueiredo** trabalhou com as marcas da violência e os traumas no Norte do Brasil por meio da obra de Carmo Bernardes, *Xambioá: paz e guerra* (2005), tendo como objetivo principal examinar a construção da memória de resistência na Guerrilha do Araguaia e seus usos através das fontes da Literatura do Testemunho.

Literatura, História e Memória são, pois, substâncias de um mesmo nascedouro. Descortinam-se ao longo da existência humana à medida que narram, documentam e preservam toda a gama de acontecimentos. Sendo assim, reiteramos que as produções acadêmicas contidas, nesse dossiê, são frutos dessa relação imbricada, contínua e, antes de tudo, necessária enquanto ato de resistência ante às obscuridades a nos rondar.

Além dos trinta e três artigos que constituem o Dossiê Temático, a Revista de Letras Juçara traz ainda treze artigos na Seção Livre.

O Conhecimento não tem limites e isto se confirma quando damos conta que sempre temos que aprender e apreender. Nesta Seção Livre, da Revista de Letras Juçara, os textos que são apresentados instigam os leitores a adentrarem na grande seara do saber, perscrutando, devagar e com atenção, os caminhos indicados por seus autores.

Faz parte dos sentidos de ser do pesquisador estar atento ao que é produzido no universo do conhecimento, no sentido de que a cada tentativa escriturística novas perguntas sejam concebidas, o que possibilita a criação de outros textos. Quantas obras ainda não foram criadas, aguardando o olhar e, também, os sentidos de alguém que as recepcionem, as façam falar, desvendando suas páginas, buscando os segredos que só o folhear atento possibilita alcançar quanto ao não dito.

Nos artigos selecionados para esta Seção Livre, aos leitores da Revista de Letras Juçara serão oportunizados exercícios de leituras por várias performances da linguagem, haja vista que esta se materializa em forma de poemas, romances, contos dentre muitas outras. O convite está feito, agora é apreciar. Seguem apresentações sobre o que os autores trouxeram para este momento.

No artigo “Quando estamos de fato formados? Socialização da linguagem: os desafios do professor de línguas na formação inicial”, **Gabriel Jean Sanches** apresenta reflexões sobre a formação docente a partir de um projeto de extensão e o modo como as experiências nestes espaços contribuem para a aquisição e performance da linguagem. Os participantes do estudo são licenciandos/as do curso de Letras e suas reflexões que giram em torno de como agir e pensar sobre/a sala de aula, assim como os materiais, a partir do projeto desenvolvido juntamente com professores da Educação Básica do estado do Paraná.

No caso de “Entre telas & textos: Elementar enquanto transposição literária”, os autores **Raquel Silva Dantas e Marcelo de Jesus de Oliveira** têm como objetivo analisar comparativamente a série de televisão Elementar (CBS), uma releitura contemporânea das obras de Sherlock Holmes do escritor escocês Arthur Conan Doyle, para que se perceba as diferenças narrativas entre as duas expressões da arte, buscando assim compreender como a adaptação literária acontece e quão grande as transformações podem ser na transposição, sendo elas positivas ou não,

e o impacto que elas têm no público e na crítica especializada, além de entender o que é modificado por necessidade e o que é desconstruído por interesse narrativo.

No artigo “A linguagem neutra no português brasileiro: entre o debate linguístico e jurídico”, de **Airton Santos de Souza Junior**, o autor se utiliza da Linguística Aplicada de natureza indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), para levantar duas problemáticas: existe uma justificativa de base linguística que ampare a proposta de neutralização do gênero no português brasileiro? Em caso negativo, é justificável o papel que alguns estados brasileiros, a exemplo do estado de Rondônia, têm assumido na intenção de proibir o uso da linguagem neutra em materiais didáticos e espaços como a escola? Para responder a essas questões, ele analisa as estratégias e os discursos de usos da linguagem.

“A blasfêmia unida à voz da prece: a tensão entre a crença e a descrença em Salmos da Noite, de Alphonsus de Guimaraens”, artigo de **Gabriel Amorim Braga**, objetiva apresentar um estudo sobre a tensão entre a crença e a descrença em Salmos da Noite, de Alphonsus de Guimaraens, publicizado postumamente em 1960. A obra que enfeixa os versos da mocidade do poeta simbolista esbarra em elementos fundamentais de sua poética, como a evasão, o culto ao amor e à morte e a obsessão pelo luar, apresentando, também, um viés das negativas, no qual o sujeito lírico insiste em maldizer, descreer e blasfemar, sem silenciar a dúbia voz da prece.

Robenylson de Oliveira e Camila Bylaardt Volker objetivam com o artigo “Tensões entre biografia e ficção: as escrevivências de Lima Barreto em Recordações do escrivão Isaías Caminha” aproximar o romance Recordações do Escrivão Isaías Caminha (1909) de discussões concernentes à contemporaneidade por meio de um conceito inaugurado por uma escritora contemporânea. Para isso, a intenção é debater o conceito escrevivência de Conceição Evaristo e analisar o romance de Lima Barreto (1881-1922), a fim de discutir que a ficcionalização da memória difere de uma autobiografia.

No artigo “Intelectuais, literatura e estruturas de poder no século XIX”, **Daniel Castello Branco Ciarlini** compreende o intelectual como um sujeito complexo, analisando as diferentes performances por ele desempenhadas ao longo do tempo, sobretudo no século XIX e em diferentes espaços. Investiga a relação dos escritores com o poder de estado e os jogos discursivos por trás de embates entre deísmo anticlerical e fideísmo católico, em especial, nas imagens-tese de dois romances

diametralmente opostos: A religiosa (1796), do iluminista Denis Diderot, e Lionello (1856), do jesuíta Antonio Bresciani.

“Alexandre e outros heróis: os narradores na perspectiva das teorias de Genette”, de **Wanderson de Freitas dos Santos**, propõe analisar os narradores de Alexandre e outros heróis (1962), do escritor Graciliano Ramos, com base nas teorias de Gérard Genette (1995, 2015, 2017), e discutir as possíveis relações entre a voz do narrador em terceira pessoa e do narrador em primeira pessoa. O autor considera que a narrativa de Alexandre está subordinada à voz do narrador em terceira pessoa, mas os narradores apresentam suas particularidades e desempenham diferentes funções.

Natércia Moraes Garrido, no artigo “Campanha Pró-imprensa do Centro Cultural “Gonçalves Dias” Caderno Literário nº 2: um olhar crítico para os primórdios do Modernismo no Maranhão”, focaliza evidenciar como essa revista oportunizou um espaço para que vários jovens intelectuais maranhenses em ascensão nas letras pudessem expor seus textos e suas influências e como seus poemas já demonstravam uma transição entre o persistente academicismo e o Modernismo, o qual ainda não havia se efetivado no Maranhão.

“Os estrangeiros’ (2012), de Marconi Leal: a formação do leitor literário consciente - entre a história e a literatura”, dos autores **Fernanda Sacomori Candido Pedro, Gilmei Francisco Fleck e Vilson Pruzak dos Santos** apresentam uma possibilidade de leitura a partir de uma narrativa híbrida de história e ficção infantil/juvenil, a qual concebem como crítica/mediadora. Constatam que a literatura híbrida de história e ficção infantil e juvenil é uma possibilidade viável para a formação de leitores conscientes, pois, ao comparar textos ficcionais aos históricos, o leitor é capaz de estabelecer relações entre esses discursos e refletir sobre a intenção escritural de cada um deles, promovendo, assim, um olhar mais consciente sobre o passado.

No artigo “Úrsula: representações do pioneirismo feminino na Literatura Brasileira”, **José Luiz Matias** informa que o romance foi publicado inicialmente em 1859 e é considerado como o primeiro escrito por uma mulher no seio da Literatura Brasileira. Temas como a situação das negras e dos negros submetidos ao regime escravista e a posição da mulher oitocentista sob o domínio patriarcal fortemente arraigado à época também constituem a narrativa da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis.

“As crônicas de Miguel Esteves Cardoso e de António Lobo Antunes: olhares literários sobre o Portugal contemporâneo”, artigo de **Maria Filomena Barradas**, apresenta resultado do cruzamento de dois autores portugueses contemporâneos, Miguel Esteves Cardoso (1955) e António Lobo Antunes (1942), que, nas suas crônicas escritas entre os anos 80 e 90 do século passado, refletem sobre o momento histórico e as mudanças operadas na sociedade portuguesa. Escrevendo em regimes muito diferentes, ambos apresentaram um retrato de Portugal em crise de identidade, no rescaldo da perda das colônias, mas procurando uma personalidade coletiva, no momento em que uma realidade geopolítica e económica se impunha com a entrada na CEE (1986).

No artigo “As figurações do silêncio em ‘Não falei’, de Beatriz Bracher”, a autora **Gabriella Kelmer de Menezes Silva** mostra que as experiências do narrador-personagem pautam diversas dimensões do silêncio, seja no que diz respeito ao passado violento no período ditatorial, quando foi preso e torturado, seja quanto à vivência familiar da infância e da juventude, quando as reticências e os não-ditos estiveram sempre presentes no cotidiano. Segundo a autora Gabriella, interessa saber como essas figurações do silêncio são materializadas na linguagem do romance.

“Crônica de testemunho em “Companheiras” de Eneida de Moraes”, artigo de **Fabricio Ferreira**, pretende identificar na crônica um caráter testemunhal, com o propósito de estabelecer um paralelo com a questão do testemunho na literatura. Pressupõe como hipótese que “As companheiras” possui elementos de uma literatura testemunhal, ao narrar uma história memorialística de repressão e violência contra mulheres durante o regime autoritário do Estado Novo.

Além da ampla variedade de artigos e temáticas apresentadas até aqui, esta edição da Revista de Letras Juçara conta ainda com a seção de produção artística que traz os poemas “A carta”, de **José D’Assunção Barros** e “Descendência poético-mineira”, de **Mirella Carvalho do Carmo**. Ademais, esta seção também nos apresenta os contos “Emboscada mortal e jogos políticos em um funeral”, de **Eval Cruz** e “Terror”, de **Pedro Antônio Matias da Silva**.

Desejamos boas leituras!

Prof. Dr. César Alessandro Sagrillo Figueiredo

Prof.^a Me. Mônica Assunção Mourão

Prof.^a Dr.^a Solange Santana Guimarães Morais